

(Transcrição)

Rocca di Papa, 8 de março de 1990

MOVIMENTO  
DOS  
FOCOLARES

A presidente

Gentil Senhor Niwano<sup>1</sup>,

em primeiro lugar, aceite os meus votos de ótima saúde. Uma cordial saudação também a todos os membros da sua família que recorro com grande estima e lembro sempre nas minhas orações.

Espero que tenha recebido boas notícias da sua neta, Mitsuyo, que é hóspede de uma nossa família em Paris.

Desde outubro do ano passado, quando recebi a sua carta, estivemos muito ocupados em acompanhar os grandes acontecimentos no Leste Europeu, que tiveram uma notável repercussão, como pensamos, também fora das fronteiras do nosso continente.

Não cessamos de agradecer a Deus por tudo o que aconteceu sobretudo pelo modo como tudo ocorreu, isto é, na maioria dos casos tudo se deu de modo pacífico, sem o uso da violência.

Aqui fala-se muito da construção de uma casa européia comum, mas estamos convencidos de que esta ação tão necessária não será completa se não a considerarmos um detalhe da "aldeia global", que é a Terra em que vivemos.

Este pensamento me foi sugerido pela preocupação expressa na sua carta com as condições precárias do nosso ambiente natural. O senhor me escreveu no fim de um verão excepcionalmente quente, mas a mesma coisa se pode dizer também no fim deste inverno, cuja temperatura nos fez pensar no efeito estufa.

De fato, estão se multiplicando as análises alarmantes de cientistas, políticos, organismos internacionais sobre o nosso ecossistema. Muitos lançam propostas para curar o nosso mundo doente.

João Paulo II escreveu uma abalizada mensagem para a Jornada Mundial da Paz, no dia 1º de janeiro de 1990, dedicada inteiramente ao problema da degradação ambiental. Ele disse que "hoje a questão ecológica assumiu tais proporções que envolve a responsabilidade de todos" e exige "esforços articulados, com o objetivo de estabelecer os respectivos deveres e compromentimentos dos indivíduos, dos povos, dos Estados e da comunidade internacional".

É urgente, portanto, antes de se chegar ao extremo, encontrar o caminho para sair dessa crise. Estou muito contente em poder fazer um intercâmbio de opiniões sobre as causas desses males e sobre as soluções a serem aplicadas.

Todos nós também, no âmbito do nosso Movimento: jovens e adultos, nos sentimos no dever de estudar profundamente o problema e assumir compromissos concretos.

No último Congresso dos Jovens por um Mundo unido, animado pelo nosso Movimento Gen, foi enfrentado seriamente o problema ecológico. Os jovens são muito sensíveis ao assunto e sentem a necessidade de mudanças radicais na interação com o ambiente, na relação entre indivíduos e Países, na utilização das descobertas científicas. Sentem também que a proteção do ambiente e a edificação da paz só terão sucesso se praticadas em escala planetária. Eles estão convencidos de que, para realizar o Ideal de um mundo unido, é preciso afirmar o primado do homem em relação à ciência e à tecnologia. Isto é, tudo

deve ter como parâmetro o verdadeiro bem do homem, considerado um sujeito e não um objeto a ser explorado. Senão o nosso processo econômico se transformará – como foi dito – na corrida desenfreada de um carro sem o motorista ou que não obedece mais aos seus comandos.

O desenvolvimento, dizia Paulo VI, deve ser "para o homem todo e para todos os homens".

Essas palavras nos fazem entrar no coração do problema e nos indicam o caminho a percorrer. Mas precisamos de todo o nosso manancial espiritual, de toda a nossa fé no amor de Deus, de um grande respeito pela vida de cada ser criado e sobretudo de uma nova e universal solidariedade entre homens e povos, para dar ao curso dos eventos uma nova direção.

Os meteorólogos nos dizem que a atmosfera terrestre é tão bem combinada que inclusive os efeitos da poluição local se propagam por toda a Terra. Mas isso significa, felizmente, que também um melhoramento local do ambiente pode se estender e dar os seus benefícios a todo o nosso planeta.

Falando em Basileia, para a Assembleia Ecumênica Europeia, Karl von Weizsäcker, com quem, como o senhor escreveu, se encontrou em Tóquio por ocasião do Prêmio Templeton, disse com sabedoria: "O que conta não são as nossas belas palavras pronunciadas, mas as ações que, dia após dia, realizamos".

Pois bem, trata-se de dar a nossa contribuição concreta, embora pequena, para a solução dos grandes problemas. Os nossos jovens compreenderam isso e já começaram várias iniciativas que exprimem uma consciência ecológica pessoal e coletiva, sob muitos aspectos, isto é, na compra de produtos que não têm um impacto negativo no ambiente, na coleta do lixo que polui o ambiente e em todas as escolhas que nascem de um profundo respeito pela natureza.

É começando pelos pequenos problemas locais que se forma uma consciência moral capaz de enfrentar os problemas em escala mundial. A ecologia, no fundo, representa um desafio que se pode vencer somente mudando a mentalidade e formando as consciências.

Já foi demonstrado por muitos estudos científicos sérios que não faltam recursos técnicos nem econômicos para melhor o ambiente. O que falta é aquele suplemento espiritual, aquele novo amor pelo homem, que nos faz sentir responsáveis uns pelos outros, no esforço comum de administrar os recursos da Terra num modo inteligente, justo, moderado. Não nos esqueçamos de que Deus criador confiou a Terra a todos os homens e não a um só povo ou a um só grupo de pessoas.

A distribuição dos bens no mundo, a ajuda às populações mais pobres, a solidariedade do Norte para com o Sul, dos ricos em relação aos pobres é a outra face do problema ecológico.

Se os imensos recursos econômicos destinados à indústria bélica e a uma super produção, que requer o incremento de super-consumidores, sem falar no desperdício dos bens nos Países ricos, se esses enormes recursos servissem pelo menos em parte para ajudar o Terceiro Mundo a encontrar um caminho digno de desenvolvimento, como o clima seria mais respirável, quantas florestas seriam poupadas, quantas regiões não conheceriam a desertificação e quantas vidas humanas seriam salvas! E pensar que a Comissão para o Ambiente e o Desenvolvimento da ONU (Relatório Brundtland) demonstrou que é possível reduzir 50% do consumo per capita de energia no Terceiro Mundo, sem consequências negativas para o seu desenvolvimento, aliás, com grandes vantagens para a proteção do ambiente e para melhorar o nível de vida desses povos, que o sistema atual empobrece cada vez mais, enquanto que os ricos se tornam cada vez mais ricos.

Mesmo assim, sem uma nova consciência de solidariedade universal nunca se dará um passo em frente. Mas só a religião pode dar esta nova consciência. De fato, a missão da religião é: iluminar os homens sobre as verdadeiras causas e soluções dos grandes males. A Bíblia, com a narração da criação, nos ensina que só em harmonia com o plano de Deus é que a natureza e o homem encontram a ordem e a paz. Se o homem não está em paz com Deus nem sequer a Terra estará em paz. As pessoas que vivem a religião sentem o "sofrimento" da Terra quando o homem não a usa segundo o plano de Deus, mas só por egoísmo, por um desejo insaciável de possuir.

Este egoísmo e desejo contaminam o ambiente ainda mais e pior do que qualquer outra poluição, que é só uma sua consequência.

Falando aos Gen no ano passado, eu lhes disse que é como se os homens, nessas últimas décadas, caminhassem na lama com grandes sapatos, fazendo-a espirrar em toda a parte: na atmosfera, nas águas dos rios e do mar; estragaram as árvores, degradaram muitas coisas, infestaram a atmosfera... Mesmo assim foram feitas descobertas; houve um grande desenvolvimento técnico. Mas o bem se misturou com o mal, porque não nos movemos sob o olhar de Deus, não o ouvimos. Agora, essas consequências desastrosas nos obrigam a encarar a realidade juntos na perspectiva de um mundo unido: se não enfrentarmos este problema todos juntos, ele não se resolverá.

Mas, graças a Deus, o que está acontecendo no mundo de hoje, traz consigo sementes de esperança. Estão caindo barreiras físicas, geográficas, ideológicas e se criam as condições para aproximar os homens e os povos entre eles. Todavia, é preciso se lembrar de Deus e seguir a sua vontade que é aquela de fazer de todos uma grande família. É preciso olhar para a natureza com olhos novos. O senhor descreveu muito bem, no seu livro sobre Shakyamuni Buddha, aquele olhar iluminado que vê transfigurados e completamente transformados todos os seres vivos. Também nós, cristãos, dizemos que justamente pelo esplendor radiante da natureza podemos vir a conhecer Aquele que é o seu Autor: Deus, o rei do universo, o Senhor das galáxias, o infinito. E Ele está presente em toda a parte; está sob o cintilar de um rio, no desabrochar de uma flor, na aurora clara, na vermelhidão de um pôr-do-sol...

Esta é outra grande missão da religião: educar ao respeito da natureza, fazendo com que os homens abram os olhos, reconheçam a presença de Deus sob a tela das coisas visíveis e façam desabrochar nos corações o amor por Ele na sua imensidão, na sua beleza, no seu esplendor.

Se descobirmos que toda a criação é um dom de um Padre que nos ama, será muito mais fácil encontrar uma relação harmoniosa com a natureza.

E se descobirmos também que este dom é para todos os membros da família humana, e não só para alguns, estaremos mais atentos e respeitaremos melhor algo que pertence à humanidade inteira, presente e futura.

Como vê, senhor Niwano, eu também penso que nas nossas religiões temos o remédio para curar este mundo doente e restituir-lhe a saúde, a harmonia, a paz. Estou certa de que os nossos esforços caminham nessa mesma direção e que é muito bom comunicar-nos as nossas ideias, propostas e concretizações. Será uma contribuição para fazer do nosso mundo uma casa digna do homem.

*Stia certo del mio ricordo  
concordo assieme a tutto  
la Sra. Francesca  
Dev. ma Chiara Lubich*

Esteja certo de que o recordo junto com toda a sua Família  
Dev.ma Chiara Lubich

---

<sup>1</sup>Rev. Nikkyo Niwano  
Presidente  
Rissho Kosei-kai  
Tokyo